



A IMPORTÂNCIA DA PRODUÇÃO TEXTUAL NA ALFABETIZAÇÃO: Formando autores

Michele da Silva Antunes¹

Eixo temático 8: Alfabetização e modos de aprender e de ensinar

Resumo: O presente artigo retrata um pouco do trabalho realizado no ano de 2022 em duas turmas de 1º ano do fundamental I. Tendo como objetivo incentivar a leitura e a escrita, um projeto foi realizado para que contemplasse a visão de mundo de cada aluno. No decorrer do ano letivo, cada criança teve contato com diversos gêneros textuais e muitos materiais para o fortalecimento da alfabetização e letramento de maneira lúdica e interativa, com a finalidade de se apropriar da leitura e escrita de maneira divertida e rica, para que assim, ao final do ano pudesse escrever seu próprio livro.

Palavras-chaves: letramento; alfabetização; produção textual.

Introdução

Este trabalho foi baseado em um projeto que tinha o propósito de estimular a interpretação, a análise, a compreensão e as diversas perspectivas da leitura e da escrita na vida dos estudantes de duas turmas do 1º ano, de uma escola municipal de Maricá.

Desde o início do ano, materiais como diversos gêneros textuais que, possibilitaram pontes no aprender e despertaram o interesse dos alunos; foram elaborados e manuseados por eles. Um processo de leitura e escrita, utilizando como base um texto coletivo construído por cada turma e de palavras geradoras a partir dos mesmos, começou a direcionar, juntamente com a vivência de cada criança, a alfabetização e o letramento das turmas.

Muito se discute sobre a importância da produção textual nos anos iniciais e traz uma reflexão a prática e a sua condução para que, possibilite a formação de cidadãos letrados e críticos. A discussão versa acerca do sentido de se aplicar gêneros textuais e uma produção textual constante nas classes de alfabetização para oferecer uma aprendizagem com

¹ Professora, atuando na Rede Municipal de Educação de Maricá. Contato: micheleantunes1988@outlook.com

relevância e eficiência.

2 Fundamentação teórica

O maior problematizador hoje vivido nas unidades escolares é a perspectiva de gerar bons leitores. No entanto, o leitor não se faz aleatoriamente. Famílias e escolas que proporcionam o contato com a literatura e experiências gratificantes no início da alfabetização, tornam o processo da leitura e da escrita, profundo e relevante. É notório que existe distância entre teoria e prática. Docentes das bases de alfabetização demonstram dificuldades em conciliar alfabetização e letramento de maneira lúdica e agradável para as crianças; uma vez que por anos desenvolveu-se uma prática pedagógica fundamentada na recorrência de exercícios iguais. A ideia de se ter somente a necessidade de se codificar e decodificar os sinais gráficos acabam por não valorizar essa habilidade em sua plenitude, assim como sua importância nas práticas sociais. Como destaca Soares (2004):

[...] a criança que ainda não é alfabetizada, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança é ainda “analfabeta”, porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já é de certa forma letrada.

Segundo Soares (2004) o letramento é uma consequência do ato de ensinar ou de aprender a ler e a escrever, situação esta que um grupo da sociedade ou um indivíduo adquire como condição de ter se apoderado da escrita. Toda e qualquer apropriação só é possível a partir do momento que o indivíduo se sente integrante do processo, do contrário todo ele se torna rígido e pouco utilizável.

Se alfabetizar significa orientar a própria criança para o domínio da tecnologia da escrita, letrar significa levá-la ao exercício das práticas sociais de leitura e escrita. Uma criança alfabetizada é uma criança que sabe ler e escrever, uma criança letrada (...) é uma criança que tem o hábito, as habilidades e até mesmo o prazer da leitura e da escrita de diferentes gêneros de textos, em diferentes suportes ou portadores, em diferentes contextos e circunstâncias (...) alfabetizar letrando significa orientar a criança para que aprenda a ler e escrever levando-a a conviver com práticas reais de leitura e escrita (SOARES, 2004).

Este assunto já era pontuado por Freire (1986) já que considerava a necessidade de levar às aulas assuntos de interesse do alunado, deixando evidente que a leitura de mundo vem antes da leitura da palavra. A bagagem trazida pelas crianças não pode ser dispensada, pelo contrário, deve ser ampliada pelos conceitos apresentados pela escola.

O ensino deve ser pensado de forma que a leitura e a escrita se tornem necessárias às crianças. Sendo assim, a alfabetização não pode se tornar uma habilidade puramente mecânica, pois esta se trata do estudo de uma linguagem complexa de uma sociedade que continua em constante transformação.

Para que se inicie a produção textual nas classes de alfabetização, não é essencial que a criança domine a gramática e/ou a forma ortográfica das palavras, mas que ela consiga organizar mentalmente seu pensamento a ponto de ter coerência. Quando se limita a escrita da criança por não dominar totalmente os códigos, acaba por se engessar o pensamento e podar suas produções futuras. Piaget (1990, p. 75) afirma que:

Em alguns casos, o que é transmitido pela instrução é bem assimilado pela própria criança, porque representa uma extensão de algumas de suas construções espontâneas. Em tais casos, o seu desenvolvimento é acelerado. Mas, em outros casos, as dádivas da instrução são apresentadas ou muito cedo ou tarde demais, ou de uma maneira que torna impossível a assimilação porque não são adequadas às construções espontâneas das crianças [...]. Por isso não creio, como parece fazer Vygotsky, que novos conceitos, mesmo em nível escolar, possam ser adquiridos sempre por meio da intervenção didática dos adultos.

Piaget (1990) aponta que o ensino deve validar o desenvolvimento do indivíduo, pois por vezes eles se entrelaçam, também pontuou que muitas construções do desenvolvimento independem da instrução de terceiros, sendo construída espontaneamente pela criança. É claro que um ambiente que favoreça a ampliação de mundo e sua inserção na sociedade facilitarão essas construções, sejam elas a partir de intervenção didática ou não.

Este referencial teórico tenta elucidar como o convívio com gêneros textuais e a produção textual pode ser importante no processo de ensino-aprendizagem dentro das classes de alfabetização, principalmente, em escolas públicas em que o público tem pouco acesso aos diversos contextos literários. Configura-se assim um importante levantamento em que traz a escola como um lugar em que o letramento dos estudantes traz acesso aos funcionamentos do sistema de organização social.

3 Metodologia

Através de uma pesquisa de campo, foi realizada uma observação sobre a importância e relevância dos gêneros textuais na alfabetização, assim como a produção textual coletiva e individual em duas turmas do 1º ano do ensino fundamental I na Escola Municipal Carlos Magno Legentil de Mattos, situada na cidade de Maricá/RJ.

Os participantes destas turmas aqui explicitadas vinham de regiões do centro da cidade ou próximos a ela e mesmo assim, poucos tinham uma vivência de leitura prazerosa

e significativa. Coube à escola, por meio da figura da professora, trazer proximidade e destaque a esses contextos literários para tornar a alfabetização potente e valiosa aos estudantes.

Leitura de mapas, tabelas, calendário, gráficos, leitura de palavras de diversos contextos e de diversos textos, construção de textos coletivos, livros literários, lousa digital, alfabeto móvel, dentre outros, foram recursos recorrentes a rotina escolar das duas turmas com o propósito de ofertar aos alunos um ambiente alfabetizador que favorecesse o letramento e a alfabetização.

No início do ano as turmas foram convidadas a construir um texto coletivo a partir de uma aula evento. Assim, cada criança levou um objeto ou coisa importante ao seu contexto social para ajudar na escrita do texto que serviria de base para o desdobramento das palavras geradoras estudadas ao decorrer do ano letivo.

As crianças mesmo usando seus pertences para construir o texto coletivo, tiveram extrema dificuldade de fazê-lo, mesmo que mentalmente, uma estrutura para iniciar ou desenvolver o texto. Logo, fez-se necessária interferência constante para fornecer conexões e possibilitar desenvolvimento do texto.

A falta de vocabulário e de confiança ao se expressar foi fortemente notada neste primeiro encontro de formação de estrutura textual.

À medida que o tempo foi passando, novos momentos foram proporcionados para construção de textos de diversos gêneros juntamente com momentos de leitura deleite, discussão em grupos ou duplas, valorização da oralidade, análise de textos não verbais e associações de fonemas e grafemas através de palavras geradoras escolhidas pelos alunos semanalmente, por meio do texto coletivo do início do ano.

A partir deste momento, incentivos como abraços, salva de palmas ao ler, independente do acerto; e elevação da autoestima como um todo da turma, foram trazendo determinação e fortalecimento às tentativas de escrita como construção palavras, frases e pequenos textos.

As turmas iniciaram no mês de agosto, depois da experimentação dos contextos textuais e de se fomentar a constante escrita, mesmo aos alunos não alfabetizados; um movimento de organização mental e de estruturação do pensamento de maneira a contemplar o gênero esperado.

Em outubro, iniciou-se outra etapa, a produção dos livros individuais feitos por cada aluno da turma por meio de parceria com a Estante Mágica.

A evolução do vocabulário, a confiança do que falar e como transformar isso em algo escrito, foi nítido. Algumas histórias, mesmo que tivessem certa semelhança, sempre eram mergulhadas em contextos sociais vividos pelas crianças, o que tornava cada escrita rica e única.

Vivenciar, através da escrita de cada um, seus conflitos mais latentes como a busca por um lar feliz ou de uma paternidade presente, possibilidades de viajar ou de realizar sonhos que por eles eram inimagináveis, deu corpo ao texto e sentido aquela escrita.

As ilustrações também foram pensadas por eles, trazendo assim mais proximidade à realidade apresentada e maiores ferramentas a criação da obra.

Não teve direcionamento de tema, do que falar ou de como falar e mesmo assim os alunos se sentiram à vontade para criar, sem medo de errar. Isso não quer dizer, é claro, que alguns apontamentos não foram feitos ao decorrer dos textos formados, com o objetivo de auxiliar o processo.

No final do ano letivo, mais precisamente na festa de encerramento, muitos tiveram acesso ao seu livro físico e a emoção de se sentir autor, capaz de escrever algo como um livro, trouxe um sentimento de vitória, conquista e de possibilidades.

Agora, não mais eram alunos inseguros ou temerosos ao se expressar ou produzir, pelo contrário, se sentiam capazes de tentar até conseguir, porque entenderam que o mundo imerso em gêneros textuais proporciona uma alfabetização letrada, pautada e validade em seus saberes. Logo, não só a leitura e a escrita com a sua codificação e decodificação foi contemplada no decorrer do ano letivo, mas as relações sociais por meio de gêneros textuais que problematizassem a realidade da sociedade, assim como a importância da construção de um cidadão ativo e crítico na sociedade.

4 Resultados e Discussão

O contato com os textos em todo processo, desde o início do ano letivo, trouxe liberdade de criação e confiança na escrita dos alunos das duas turmas. Praticar algo que é vivido, torna a leitura e a escrita fluida e orgânica.

Conforme mencionado nos Parâmetros curriculares Nacionais da Língua Portuguesa, para que se formem bons leitores é imprescindível que se aprenda a ler lendo. Sendo assim, é importante que seja ofertado aos alunos textos em diversos contextos e não aqueles tradicionalmente vistos nos anos iniciais que, em suma, trazem frases desconexas e sem sentido.

No mês de outubro, iniciou-se a criação dos livros individuais, nas duas turmas; no qual cada criança criou sua história e a ilustrou, com orientação e mediação de todos da turma. Nesta etapa, eles já se sentiam seguros para organizar o pensamento e escrever frases ou pequenos textos.

Vale ressaltar que, mesmo aqueles alunos considerados não alfabéticos conseguiram participar e produzir, pois usavam referências de textos rotineiros para montar sua escrita, além da ajuda dos colegas de classe.

Cada texto criado foi inédito e pessoal, inundado pela vivência, gostos, contextos sociais e conflitos familiares.

Uma parceria foi feita com a Estante Mágica, sendo assim, ao final da criação de cada livro, as famílias puderam adquirir livros físicos ou optar por tê-los somente virtualmente.

As famílias foram envolvidas no projeto, pois além de vivenciarem o avanço da leitura e da escrita da sua criança, ainda tiveram o privilégio de ter um livro feito por ela no final do ano letivo. Tornando o processo significativo para toda comunidade escolar.

O apoio da equipe diretiva, da Escola Municipal Carlos Magno Legentil de Mattos, junto ao incentivo e a motivação por parte da orientadora pedagógica, Elídia; foram pontos cruciais na trajetória deste projeto. Afinal, a escola é um corpo vivo.

A construção dos livros de todos os alunos das duas turmas só foi possível devido ao dinamismo entre o letramento e suas vivências, e a constância da produção textual. Eles vão além de ensinamentos fragmentados e isolados, trazem diálogo entre o que é aprendido e vivido na sociedade, dando sentido e gosto no aprender.

5 Considerações Finais

O processo de uma escrita individual nos anos iniciais é trabalhoso e intenso, mas evidencia que a produção textual pode ter um lugar de destaque na alfabetização.

Alfabetizar letrando traz qualidade na aprendizagem nas classes de alfabetização, pois torna ativo cada indivíduo em sala de aula e potencializa seus saberes. Meus pequenos autores experimentaram, na construção de seus livros, que ler e escrever pode levá-los a qualquer lugar que desejarem, pois tomaram consciência, no decorrer de todo processo construído, de que são autores da sua história.

Os profissionais da educação precisam ter meios para terem um maior investimento em formação inicial e continuada, e tempo para tal estudo, para que a prática da sala de aula esteja em constante problematização, movimento e crescimento. Só a permanente construção e desconstrução dos saberes trarão a real reflexão sobre a importância do uso frequente dos gêneros textuais e da produção textual.

O ensino precisa ser contextualizado para que o aluno tenha contato com a realidade e seja capaz de ser leitor e cidadão com suas competências e habilidades consolidadas.

Referências

BALALLAI, R. Freinet. **Uma leitura crítica de “Pour l’École du Peuple”**. Blumenau, Furb, (21): 29-53, mar. 1984.

BAZERMAN, Charles. **Escrita, gênero e interação social**. São Paulo: Cortez, 2007.

BRASIL - **Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1ª a 4ª série) Língua Portuguesa/ Secretaria de educação**. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em processo**. São Paulo: Cortez, 1996.

SANTOS, Carmi Ferraz S. MENDONÇA Márcia. CAVALCANTI, Marianne C.B. **Diversidade textual: os gêneros na sala de aula**. 1ª ed., 1ª reimp. — Belo Horizonte : Autêntica , 2007.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 15. Ed. São Paulo: Cortez, 1986.

PIAGET, Jean. **Comentário de Piaget sobre as observações críticas de Vygotsky concernentes a duas obras: “A linguagem e o pensamento da criança” e “O raciocínio da criança”**. Em Aberto, Brasília, ano 9, n. 48, p. 69-77, out./dez.1990.

SCHNEUWLY, Bernard. Vygotski, Freinet et l'écrit. In: Vygotski, l'école et l'écriture. **Les Cahiers de la section des sciences de l'éducation**. Genova, n. 118, 135-149, outubro, 2008.

SOARES, Magda Becker. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

<https://www.clarissapereira.com.br/provocacoes-sobre-alfabetizacao-e-letramento/> acesso: 30/03/2023.